

teatro

HARMONIA DOS CONTRÁRIOS

CARLOS PORTO

Andamos muitas vezes distraídos, aqui pelo teatro. Resultado: deixamos escapar não só bons ou razoáveis espectáculos mas principalmente projectos que rompem com hábitos feitos, com rotinas, recusando-nos o risco de que esses projectos possam parecer em certos casos (insuficientes?, precários?).

Não me parece que, espectadores de teatro, instituições públicas responsáveis, comentadores de profissão, não me parece que estejamos a dar ao trabalho do Teatro da Malaposta, ali para o lado de Loures, a importância que tem (talvez tenha). Não apenas no que se refere à produção de espectáculos mas também ao que tem a ver com propostas de discussões, análises, busca de soluções para velhos problemas, que é possível encontrar no espaço cultural múltiplo, que é o CDIAG, com o Teatro da Malaposta.

No entanto, o que neste momento me interessa sublinhar é precisamente uma produção teatral que tem como elemento essencial uma peça de autor português, em estreia. Refiro-me a **Haja Harmonia**, texto dramático de Mário de Carvalho, que Mário Jacques encenou, com adequada cenografia de José Carlos Barros e excelente música de Luís Cília. Em duas palavras: peça que surge, sem que com isso contemos, transformada num espectáculo, de excepção. Além de ser, provavelmente, a primeira crítica (bem-humorada) ao mundo da informática: «Para a minha felicidade ser total ou precisava de ver este homem todo metido num CD-ROM, átomo a átomo. Um indígena portátil, que eu pudesse abrir sempre que quisesse e que pudesse fundir, por completo, com o meu computador. Assim já não precisaria de ter uma mão nele e outra no teclado...»

Podia o grande teatro do mundo ser uma prisão e ser uma prisão o paraíso? Na fábula de Mário de Carvalho contam-se várias histórias que passam pela realidade — uma prisão é uma prisão e pelo seu contrário — uma prisão não é uma prisão, que é como quem diz, a liberdade é que é uma prisão... A felicidade para um preso consiste em contar a história da sua vida, mas quem está disposto a ouvi-la? Essa a



«HAJA HARMONIA», DE MÁRIO DE CARVALHO, NO TEATRO DA MALAPOSTA

sua infelicidade. Como andar a pé-coxinho im-põe a condenação de outro preso. Sim, no mundo inventado por Mário de Carvalho de quem a imaginação multiplica situações de um absurdo, de um insólito, de um cómico que desperta o nosso riso, embora implique outras leituras.

Será que as pancadas que o director da prisão escuta são uma mensagem que é preciso decodificar? Nem que para isso seja necessário libertar os presos?

São muitas as histórias que a peça nos conta, repete-se, algumas delas através de personagens fantásticas que irrompem da terra para participarem neste jogo inesperado, inverosímil, de um cómico que não deixa de nos obrigar a reflectir.

Esta peça permite várias leituras cénicas, entre o naturalismo e o fantástico, esta mais de acordo com o fantástico do texto. Mário Jacques optou por uma encenação que aceita a proposta naturalista sem deixar de a pôr em causa através de elementos que têm a ver com uma leitura imaginativa.

Imaginação, precisamente, inteligência, qualidade da escrita, sentido de humor, potencialidades trabalhadas através de uma energia cénica que explica o que no texto faz parte do teatro. Com este texto, Mário de Carvalho consagra-se como um criador teatral com quem devemos contar. Dois aspectos negativos a ter em conta: canções (em número excessivo?) traídas por intérpretes que têm muita dificuldade em cantar (a nossa formação teatral ainda não conseguiu resolver este problema), o 2.º acto é nitidamente menos rico, menos vivo, o que de algum modo desequilibra o espectáculo. No entanto, o elenco artístico e técnico responsável por este espectáculo ajudou a torná-lo numa realidade teatral criativa que não pode deixar de ser aplaudida.

HAJA HARMONIA, de Mário de Carvalho. Encenação: Mário Jacques. Cenografia: José Carlos Barros. Fig. rinos: Susana Afonso. Música: Luís Cília. Pianista: Miguel Fialho. Interpretação: Alexandre Ferreira, A. Nave, Elisa Lisboa, Elsa Valentim, Jorge Estreia, Jorge Gonçalves, Jorge Silva, Luís Alberto, Mário Redondo, Victor Santos. Teatro da Malaposta/11-09-1997.